

## VIOLÊNCIA FINANCEIRA E OS IDOSOS: MANIFESTAÇÕES SOCIAIS, COMUNITÁRIAS, RELACIONAIS E INDIVIDUAIS

### FINANCIAL VIOLENCE AND THE ELDERLY: SOCIAL, COMMUNITY, RELATIONAL AND INDIVIDUAL MANIFESTATIONS

**Patrícia Metzker Pifano de Melo**

Centro Universitário Unihorizontes – UNIHORIZONTES, Brasil  
profapatriciametzker@gmail.com

**Wendel Alex Castro Silva**

Universidade Fumec – FUMEC, Brasil  
wendel.silva@fumec.br

**Luciano Pereira Zille**

Faculdade de Ciências Médicas de MG – Especialização em Medicina do Trabalho – FELUMA, Brasil  
luciano.zille.prof@gmail.com

**Submissão:** 09.02.2022. **Aprovação:** 05.12.2022. **Publicação:** 31.12.2022.

**Sistema de avaliação:** *Double blind review*. **Centro Universitário UNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil.

**Editora chefe:** Profa. Dra. Daniela Viegas da Costa-Nascimento

Este artigo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:

<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/1371>

## Resumo

A violência financeira está relacionada ao ato de abusar, explorar ou subtrair objetos, bens, valores, documentos e direitos, entre outros. A violação pode ser ocasionada por indivíduos ou instituições, sejam públicas ou privadas. O ambiente permeado por situações de violência financeira torna-se contaminado por medo, angústia, tristeza e dor. Apesar de ocasionar graves consequências psicológicas, físicas e, até mesmo, a morte do indivíduo, a violência financeira é pouco difundida e investigada, sendo de difícil identificação. Os indivíduos idosos são mais vulneráveis às situações, por apresentarem mais fragilidades em comparação aos grupos mais jovens. Idosos são homens e mulheres que possuem 60 anos ou mais (Lei 10.741). Por meio de uma pesquisa de natureza descritiva com abordagem qualitativa, tendo como referência o Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006), este estudo teve como objetivo analisar como a violência financeira manifesta em idosos que participam de um Centro de Apoio e Convivência. Apurou-se que as manifestações de violência financeira ocorrem em todas as esferas do modelo (sociedade, comunidade, relações e indivíduo), com prevalência para os casos ocorridos na esfera da sociedade (63%). Constatou-se também, que idosos mais escolarizados apresentam menor predisposição a casos de violência financeira, por serem mais respeitados pela sociedade, sendo menos vulneráveis a violência financeira praticada por instituições financeiras, públicas ou privadas. Todavia, não estão livres da violência por parte das relações pessoais, empréstimos a amigos e familiares (45%) e na comunidade, o assalto e o sequestro relâmpago nas vias públicas apontaram uma incidência de 33%.

**Palavras-chave:** Violência Financeira. Idosos. Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006).

### **Abstract**

Financial violence is related to the act of abusing, exploiting or subtracting objects, goods, values, documents and rights, among others. The violation can be caused by individuals or institutions, whether public or private. The environment permeated by situations of financial violence becomes contaminated by fear, anguish, sadness and pain. Despite causing serious psychological, physical consequences and even the death of the individual, financial violence is not widespread and investigated, being difficult to identify. Elderly individuals are more vulnerable to situations, as they have more weaknesses compared to younger groups. Elderly are men and women who are 60 years of age or older (Law 10,741). Through descriptive research with a qualitative approach, having as reference the Ecological Model of Dahlberg and Krug (2006), this study aimed to analyze how financial violence manifests in the elderly who participate in a Support and Living Center. It was found that the manifestations of financial violence occur in all spheres of the model (society, community, relationships and individual), with prevalence for cases occurring in the sphere of society (63%). It was also found that more educated elderly people are less predisposed to cases of financial violence, as they are more respected by society, being less vulnerable to financial violence practiced by financial institutions, public or private. However, they are not free from violence on the part of personal relationships, loans to friends and family (45%) and in the community, the assault and the lightning kidnapping on public roads pointed to an incidence of 33%.

**Keywords:** Financial Violence. Seniors. Ecological Model by Dahlberg and Krug (2006).

## **1. Introdução**

A violência está presente em todas as sociedades e compreendê-la é uma antiga preocupação do ser humano, contemplando sua essência, natureza, origens e meios apropriados para preveni-la, atenuá-la e eliminá-la do convívio social. Desenvolvida na vida em sociedade, contrapõe-se ao diálogo, à tolerância, à civilização e ao reconhecimento. Relaciona-se com os aspectos biológicos, psicológicos e sociais (MINAYO, 1994; MINAYO, 2005).

Resulta da “complexa interação de fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais”. Esses fatores são explorados por um modelo ecológico, que investiga como os fatores individuais estão relacionados com o contexto de vida do indivíduo e conceitua a violência como “produto dos múltiplos níveis de influência sobre o comportamento” (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1172).

O tema “Violência” encontrou espaço na agenda de saúde pública no final da década de 1980, associado a um problema decorrente do aumento de traumas e mortes ocorridas em função de “causas violentas”, principalmente, na região das Américas, fato que demandou respostas do sistema de saúde pública em razão das vidas que foram perdidas (MINAYO, 1994, p. 9).

A partir da década de 1990, a preocupação com esse tema tornou-se prioridade nas agendas das organizações internacionais. Em junho de 1993, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) recomendou aos países membros que estabelecessem políticas e planos nacionais de prevenção e controle da violência, em colaboração com todos os setores envolvidos (MINAYO, 1994). No Brasil, em 2001, a violência integra oficialmente a “pauta do setor da saúde” (MINAYO *et al.*, 2018, p. 2008).

O crescimento da violência ocorre por múltiplos e variados fatores, entre eles os socioeconômicos, como, desemprego, perda do poder de consumo, altos preços e inflação elevada (CALDEIRA, 2003, p. 56). Além disso, as constantes e severas transformações vivenciadas pela sociedade contemporânea no mundo do trabalho causam impactos nas condições de vida da sociedade, gerando instabilidades e promovendo manifestações de violência (SOARES, 2015).

A ausência do Estado pode ser considerada um fator que impossibilita a efetivação dos direitos civis dos cidadãos, permitindo a propagação de variados tipos de violência (TELLES, 2010, p. 108). Soares (2015, p. 104) aponta que “o indivíduo é violentado em seus direitos sociais, negligenciado em sua condição de vida por não lhe ser acessível seus direitos sociais e civis que se pode determinar como moradia, educação, saúde, emprego e lazer”.

A violência vitimiza a todos, em graus, áreas e desdobramentos distintos, mas ela é observada principalmente em indivíduos vulneráveis, considerados mais propícios a sofrerem abusos e violência: os idosos. Esses configuram um grupo que tem sido vitimado historicamente em vários contextos sociais e culturais, sendo “um fenômeno cultural de raízes seculares” (MINAYO, 2003, p. 784). Com o crescimento dessa população nas sociedades, torna-se obrigatório que este esteja na pauta de questões sociais por constituir-se um “problema universal” (MINAYO, 2004, p.11).

O envelhecimento da população mundial é crescente e o Brasil não escapa desta tendência de elevação do potencial de sua população atingir faixas etárias mais elevadas (SANCHES; LEBRÃO; DUARTE, 2008). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) apontou que em 2017 a população com 60 anos ou mais superou 30,2 milhões, chegando em 2020 a 37,7 milhões de brasileiros (IBGE, 2020).

A violência financeira vem sendo estudada ao longo dos anos sob diversos enfoques como: exploração financeira (JACKSON; HAFEMEISTER, 2011; CAMARANO, 2013; REIS *et al.*, 2014), violência patrimonial (ADORNO, 2007; PEREIRA *et al.*, 2013; SAMPAIO, 2017) e violência financeira (KLONTZ; KLONTZ, 2011; JACKSON; HAFEMEINTER, 2011; LOURENÇO, 2012; PEREIRA *et al.*, 2013; SHIRBEK; JAMES, 2014; IRIGARAY *et al.*, 2016; SAMPAIO, 2017; SILVA, 2018).

O presente estudo vem contribuir para a ampliação das pesquisas e foca na violência financeira de idosos, relacionando a violência financeira e patrimonial. Ancora-se no “Modelo Ecológico” proposto por Dahlberg; Krug (2006, p. 1.172), que preconiza complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais.

Com base nos conteúdos apresentados até então, este estudo orienta-se com base na seguinte questão de pesquisa: como a violência financeira se manifesta em idosos? Tem como objetivo geral analisar e descrever como a violência financeira se manifesta em idosos que participam do Centro de Apoio e Convivência, localizado na

capital do estado de Minas Gerais, tendo como referência o Modelo Ecológico de Dahlberg; Krug (2006).

A justificativa para a sua realização, além de contribuir para a ampliação dos estudos na área, buscou identificar casos de violência que vem produzindo impactos sociais significativos, reduzindo a qualidade de vida, sobretudo, em relação à saúde e desestruturação das famílias, aumentando assim, os custos sociais dos idosos. Além disso, buscou evidenciar as causas da violência, contribuindo com reflexões que possam minimizar essas ocorrências no contexto estudado.

## 2. Fundamentação teórica

A palavra violência deriva do latim, *violentia* e tem uma de suas definições “ação que se realiza com força e agressividade excessivas, causando danos morais e/ou materiais” (FERREIRA, 2009, p. 2.065). Para Arendt (2004, p. 22), a violência é “a mais flagrante manifestação de poder”, onde o poder é um instrumento usado para dominação e para a violência.

Minayo, Souza e Paula (2010, p. 2.720) consideram a violência como um “fenômeno humano que se traduz em atos”, que podem ser realizados por indivíduos, instituições, grupos, classes ou nações, tendo por objetivo ferir, mutilar, prejudicar e agredir os alvos. Ressaltam que o ato de omitir também é uma indicação de maus-tratos, podendo ser coletivo ou individual, ocasionando enfermidades associadas a incapacidades e até mortes. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como “o uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.165).

Ampliando o conceito, em 2002, *World Health Organization* (WHO) classificou a violência como: “abuso físico; abuso emocional/psicológico; abuso material/financeiro; abuso sexual e negligência” (WHO, 2002, p. 3).

Pode-se destacar o poder econômico oriundo dos proprietários dos meios de produção, que podem influenciar, de forma a “determinar o comportamento dos indivíduos”, existindo também uma relação muito próxima entre violência e impotência econômica. Há na sociedade uma “crise de autoridade social” e é possível que esta crise possa estar na base do precário vínculo social, em que o homem está mais individualista, com mudanças na forma de conduzir a vida amorosa, financeira, profissional e educacional (SALOMÃO FILHO; NUSDEO; FERRAZ JUNIOR, 2009, p. 112).

A violência no Brasil se expressa de várias maneiras e mostra como está a sociedade. Onde há violência há também desigualdade e injustiça social, “um processo exagerado das relações sociais, do baixo apreço aos valores públicos e da lentidão ou ineficiência do sistema de coerção e dissuasão da criminalidade”. Algumas formas de “violência e delinquência” encontram-se sob a proteção de atividades legalizadas por operações do mercado econômico-financeiro, havendo também operações “claramente ilegais” como tráfico de armas e de drogas (MINAYO, 2013, p. 256).

As várias formas de corrupção que envolvem as classes que estão no poder e que são mais ricas, mostram a decomposição do sistema social, político e estatal (MINAYO, 2013). São expressivos os contingentes da população brasileira que estão sujeitos a violência social e estrutural. Isso pode estar relacionado às altas taxas de desemprego, às condições precárias de trabalho e ao “quadro de pobreza e exclusão social” (PASINATO; CAMARANO; MACHADO, 2006. p. 27).

## 2.1 A violência e os idosos

Silva e Dias (2016, p. 643) estudaram sobre a violência contra idosos na família e apontaram as principais causas como o abuso do álcool; falta de espaço físico, que gera proximidade e dificulta a privacidade; residir na mesma casa ou área (quintal); o agressor ser dependente do idoso; e “relacionamento permeado de violência por ocorrência ou não de agressão sofrida na família, especialmente por parte da pessoa idosa”. “Dos 13 agressores entrevistados, apenas dois alegaram não ter sofrido violência física, psicológica ou sexual na família” (SILVA; DIAS, 2016, p. 644).

A predominância de maus-tratos em idosos reforça resultados de pesquisas internacionais em que a vítima é identificada como: “mulher, com 75 anos ou mais, viúva, física ou emocionalmente dependente, na maioria das vezes residindo com familiares, um dos quais é o agressor”. O perfil dos agressores é, geralmente, de filho de meia idade e financeiramente dependente da vítima, sendo que este pode apresentar problemas com uso de álcool ou drogas, além de problemas mentais (PASINATO; CAMARANO; MACHADO, 2006, p. 10).

Os maus-tratos e a violência contra os idosos ocorrem independentemente de gênero, raça e classe social. É difícil identificar os maus-tratos financeiros, devido ao fato de os idosos, geralmente, residirem com seus agressores, onde os cuidadores, de modo geral, são os familiares (PASINATO; CAMARANO; MACHADO, 2006). Eles apresentam comportamento de impaciência com as exigências feitas pelo idoso e, até, com os casos de possíveis “doenças mentais que não são entendidas pelos familiares das pessoas idosas”. Esses fatores contribuem para a ocorrência de violência, pois os “familiares agressores” não estão preparados para o envelhecimento de seus parentes (SILVA; DIAS, 2016, p. 648).

O Estatuto do Idoso visa ser um instrumento protetor, que procura garantir “minimamente” os direitos dos idosos, sendo utilizado por eles para se defenderem (SILVA; DIAS, 2016, p. 649).

Mais especificamente a violência financeira/patrimonial está definida pelo inciso IV do art. 7º da Lei 11.340/2006 como “[...] qualquer ato que implique retenção, subtração, destruição parcial ou total de bens, valores, documentos, direitos e recursos econômicos sobre os quais a vítima possuía titularidade”. Estão entre os delitos contra o patrimônio: furto, dano e apropriação indébita. Essa lei define também como patrimônio bens que tenham importância pessoal, como: objetos de valor afetivo ou de uso pessoal, e de importância profissional, considerados aqueles necessários ao exercício “da vida civil” e que sejam indispensáveis à digna satisfação das necessidades vitais” (PEREIRA et al., 2013, p. 212)

O ambiente vivido com casos de violência financeira é aquele onde predominam “medo, angústia, tristeza e dor, com danos financeiros, físicos, psicológicos e perdas afetivas” (PEREIRA et al., 2013, p. 232).

Estudo realizado pela Universidade da Virgínia nos EUA, com 71 idosos com idade superior a 76 anos observou que casos de exploração financeira ocorreram com idosos dependentes em que o agressor também era dependente e morava junto com a pessoa idosa, que, com medo de ser enviado a um lar de idosos acabava por concordar com o abuso financeiro. A violência financeira é subnotificada, pouco investigada e pouco precisa (JACKSON; HAFEMEISTER, 2011).

Estudo baseado em análise documental apurou, com base em 424 denúncias de violências acolhidas por uma instituição de referência na cidade de Fortaleza-CE, que em relação aos agressores, estes eram filhos (49%), parentes (21%) e órgãos públicos (20%). A maior parte das denúncias era de abusos financeiros e econômicos (59%) e negligência (22%), seguidas de agressão física (15%) e verbal (4%) (SOUZA; FREITAS; QUEIROZ, 2007).

Estudo sobre violência doméstica contra idosos realizado em 2007 com 195 profissionais do Programa Saúde da Família de Juiz de Fora/MG apurou, na perspectiva dos profissionais da Atenção Primária à Saúde, que a relação da violência financeira ocorre com parentes de primeiro e segundo grau (filhos e netos). Associou a violência a fatores de ordem socioeconômica, apontando “a condição financeira dos idosos, como o principal provedor da família e, em alguns casos, o único, podendo ser considerado um fator de risco para a ocorrência dos conflitos familiares” (LOURENÇO et al., 2012, p. 431-433).

Estudo sobre a violência patrimonial contra mulheres residentes no município de Viçosa/MG apontou a ocorrência de violência doméstica. O grupo era composto por mulheres jovens e idosas ( $\geq 60$  anos). Apurou-se que cinco das pesquisadas revelaram casos de violência patrimonial; a maioria era casada; possuíam ensino fundamental incompleto, e estavam inseridas na ocupação de “dona de casa” (PEREIRA et al., 2013). Apuraram ainda, que: as idosas apresentaram maior dificuldade em deixar a convivência com o agressor quando este é seu namorado, companheiro ou marido e, principalmente, quando é o próprio filho, pois o sentimento de amor inibe a denúncia, fazendo com que se silenciem (PEREIRA et al., 2013).

Estudo realizado no município de Vitória da Conquista/BA utilizando-se de dados secundários dos boletins de ocorrência e dos bancos de dados dos casos de violência (negligência, abandono, violência física e sexual e outras violências) em indivíduos com mais de 60 anos, no período 2012-2015, registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), apontaram resultados que colaboram com a evidência da feminização da violência patrimonial e da baixa escolaridade das vítimas (SAMPAIO et al., 2017). O resultado apontou, também, que no município pesquisado prevaleceu a violência financeira e que 100% das vítimas sofreram também algum outro tipo de violência. Neste caso, predominou a violência psicológica (100%) e a física (47,8%); as idosas possuíam idade média de 65 anos, baixo grau de escolaridade e eram casadas (SAMPAIO et al., 2017).

Pesquisa realizada em Porto Nacional-TO que objetivou analisar e categorizar os processos judiciais de violência financeira revelou que as vítimas são, na maior parte, homens (81,0%); permanecem como chefes da família, cujos proventos custeiam as despesas da casa; e que as instituições financeiras são, na maior parte

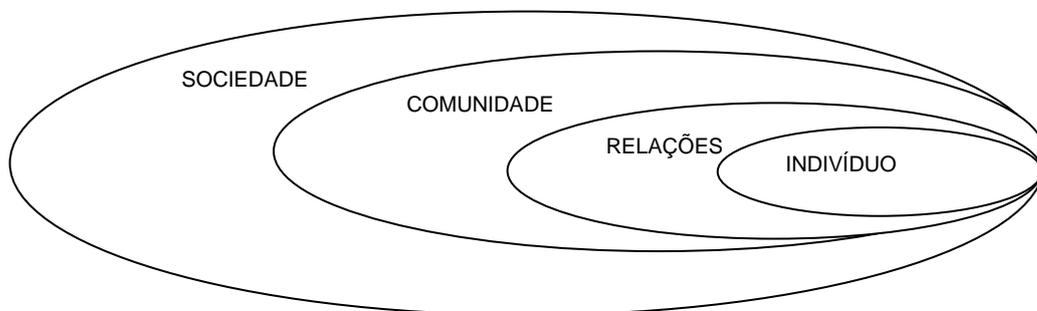
dos casos, os sujeitos das ações (65,0%) (LIMA, 2019). As denúncias de violência financeira incidiram mais em idosos com idade entre 60 e 69 anos (62,0%). Observou-se também, que quanto mais avançada a idade, menor é a quantidade de denúncias, sendo menor também a participação do idoso na administração de seu patrimônio, em que outros agem em seu nome, como se o idoso fosse “incapaz de executar tal tarefa” (LIMA, 2019, p. 66).

E por fim, ao estudar as ocorrências de violência financeira contra idosos, por meio de método transversal de outubro de 2016 a março de 2017, Alarcon et. al. (2020) identificaram três núcleos de sentido referentes aos tipos de violência financeira: apropriação e dano; exposição ao estelionato/extorsão e Furto/Roubo. Segundo os autores há uma necessidade de estudos mais aprofundados a fim de evidenciar a associação das alterações do processo de envelhecimento com a violência financeira. Nesse sentido, este estudo pretende contribuir a partir da análise o Modelo Ecológico para se compreender a violência Financeira (DAHLBERG e KRUG, 2006).

## 2.2 Modelo ecológico para a compreensão da violência

O comportamento violento dos indivíduos com outros e o porquê de a violência ser mais usual em certos grupos do que com outros não podem ser explicados com base em um único fator (SANTOS et al., 2019). A violência é resultante de uma “complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais”, denominada “Modelo Ecológico”, FIG. 1.

Figura 1 – Modelo Ecológico para compreender a violência



Fonte: Dahlberg; Krug, 2006, p. 1.172.

Dahlberg e Krug (2006, p. 1.172) exploram o Modelo Ecológico, anteriormente desenvolvido pelo psicólogo americano Bronfenbrenner (1977), no qual se detalha “a relação entre os fatores individuais e contextuais”. Eles consideram a violência como sendo um “produto de múltiplos níveis de influência sobre o comportamento” e explicam cada um desses fatores nos contextos individual, das relações, da comunidade e da sociedade.

No *contexto individual*, identificam os “fatores biológicos” e aqueles associados à “história pessoal que o indivíduo traz para seu comportamento”. Observam, além dos fatores biológicos e demográficos: impulsividade, abuso de substância química, baixo nível educacional e histórico passado de agressão e abuso. Ou seja, tem como

foco as características do indivíduo que levam a uma maior possibilidade de que seja agressor ou vítima (DAHLBERG; KRUG, 2006, p.1.173).

No *contexto das relações* o Modelo Ecológico explora como a proximidade das relações eleva o risco de “vitimização ou agressão violenta”, tendo em vista que a relação “quase cotidiana no domicílio comum com um agressor” pode propiciar o aumento das oportunidades para ataques violentos. Essa situação pode ser demonstrada pela relação cotidiana com parceiros íntimos e familiares e pela convivência cotidiana, que “tem o potencial de moldar o comportamento do indivíduo e o âmbito de sua experiência”. Nos casos de violência interpessoal entre jovens, o encorajamento e a aprovação dos amigos são fatores que “provavelmente” os incentivam a atividades negativas (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.173).

Dahlberg e Krug (2006, p. 1.173) explicam que no *contexto da comunidade* o Modelo Ecológico examina as relações sociais, tais como, escolas, locais de trabalho e bairros, procurando “identificar as características dos cenários associados ao fato de serem vítimas ou agressores”. Para tal, são atribuídos alguns fatores associados à violência: mudança frequente de domicílio, população diversificada e com reduzida capacidade de união, alta densidade populacional, envolvimento da comunidade com tráfico de drogas, elevado nível de desemprego e nível de isolamento social.

No último nível do Modelo Ecológico, relativo à *sociedade*, Dahlberg e Krug (2006, p. 1.173) analisam os fatores mais significativos da sociedade que influenciam as taxas de violência, as quais geram “um clima aceitável para a violência” por diminuírem as “inibições contra ela, e aqueles que criam e sustentam divisões entre diferentes segmentos da sociedade ou tensões entre grupos ou países diferentes”.

Ainda explorando os fatores relevantes no contexto da sociedade, é necessário, avaliar as “políticas econômicas e sociais, de saúde e de educação, que mantêm altos níveis de desigualdade econômica e/ou social entre grupos” (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.173).

Esses elementos facilitam a ocorrências de violências, ou seja, há mais possibilidade de que a violência ocorra nesses contextos do que em outros mais equilibrados (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.173).

A utilização do Modelo Ecológico se justificou por permitir vislumbrar a multiplicidade de causas da violência “e a interação dos fatores de risco que operam no interior da família e dos contextos mais amplos da comunidade, como os sociais, culturais e econômicos”. Já analisando numa situação de desenvolvimento, o Modelo Ecológico mostra como os diversos fatores podem causar a violência em distintos momentos da vida (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.173).

Alguns fatores de risco são mais específicos a certos tipos de violência, mas, em geral, os vários tipos de violência têm fatores de risco comuns. Há normas culturais que predominam com fatores de risco para mais de um tipo de violência, como, o isolamento social, pobreza, abuso de álcool, uso de drogas e acesso a armas de fogo. Como consequência, é comum que alguns indivíduos em situação de risco experimentem mais de um tipo de violência (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1.173).

### 3. Método

Esta pesquisa se classificou como descritiva, que, conforme Collis; Hussey (2005, p. 24), “descreve o comportamento dos fenômenos”, sendo utilizada para identificação e obtenção de “informações sobre as características de determinado problema ou questão”. Quanto à abordagem, utilizou-se a qualitativa, contemplando um exame e uma reflexão sobre as percepções dos idosos no que se refere à violência financeira, manifestadas nas esferas do Modelo Ecológico, de forma a obter um maior entendimento sobre o contexto pesquisado.

Em relação ao método de pesquisa optou-se pelo estudo de caso com os idosos vinculados ao Centro de Apoio e Convivência. Para Gil (2002), o estudo de caso permiti detalhar e ampliar o conhecimento. Tem caráter de profundidade e detalhamento, mostrando-se adequado ao cenário estudado. Ainda em relação ao estudo de caso, é considerado um método de pesquisa “comum na psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, assistência social, administração, educação, enfermagem e planejamento comunitário”, sendo também utilizado na “economia” (YIN, 2015, p. 4). Seu foco é no entendimento de fenômenos sociais complexos.

Conforme Collis e Hussey (2005, p. 73), a unidade de análise “é um tipo de caso aos quais as variáveis ou fenômenos estudados se referem e sobre o qual se coletam e analisam os dados”. Nesse contexto, visando estabelecer limites à pesquisa e estudar apenas o que realmente contribui para o alcance do objetivo proposto, definiu-se como unidade de análise a violência financeira contra a pessoa idosa.

A unidade de observação está relacionada ao lócus da pesquisa, denominado Centro de Apoio e Convivência de Idosos (CAC), localizado na cidade de Belo Horizonte/MG. O CAC é uma entidade sem fins lucrativos, gerida e mantida pelos próprios idosos. Sua infraestrutura está voltada para oferta de atividades direcionadas ao público idoso, que promove sua sustentação e usufrui dos bens e serviços que são ali ofertados. Sua finalidade principal é promover a socialização, mediante a oferta de espaço e a prestação de serviços nas áreas social, cultural, esportiva, lazer, turismo, geração de renda e estética, cujo objetivo principal é propiciar melhor qualidade de vida às pessoas idosas.

Para Vergara (2010, p. 47) os “sujeitos da pesquisa são os que fornecem os dados necessários ao estudo”. Assim, os sujeitos deste estudo foram os idosos, respeitando o Estatuto do Idoso, com idade a partir de 60 anos, residentes na região metropolitana da cidade de Belo Horizonte/MG e associados ao (CAC).

Para a coleta de dados, utilizou-se da entrevista semiestruturada, cujo objetivo foi “compreender os significados que os entrevistados atribuem às questões e situações relativas ao tema de interesse” (GODOY, 2006, p. 134). Iniciou-se com um roteiro semiestruturado contendo 42 questões norteadoras para a obtenção dos dados necessários ao estudo. Ainda segundo Duarte (2009), essa técnica é um recurso que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Para a realização das entrevistas, assegurou-se que os entrevistados tivessem 60 anos ou mais, e consentissem participar do estudo, mediante entrega e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. Foi possível entrevistar 18 idosos, sendo 8 homes e 10

mulheres, cuja seleção ocorreu por acessibilidade. Os sujeitos foram apresentados aos pesquisadores por integrantes da equipe administrativa e pelos professores que integram a equipe do CAC.

Os dados foram analisados conforme as etapas previstas na técnica análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), consistindo no tratamento das comunicações obtidas por métodos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens. A análise contemplou as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e a interpretação (CAMARA, 2013).

Na primeira etapa, organizou-se o material coletado e as falas dos entrevistados, com vista à operacionalização e organização das principais ideias.

Na segunda etapa, considerando as categorias de análise definidas previamente para o estudo, constando: indivíduo, relações, comunidade e sociedade, os dados, ainda brutos, foram trabalhados, visando transformá-los em dados válidos e significativos para a pesquisa.

Na terceira etapa, os pesquisadores com embasamento em conteúdos teóricos buscaram estabelecer relações, verificar contradições e compreender os fenômenos que se propôs a estudar, de acordo com as categorias analisadas.

#### 4. Apresentação, análise e discussão dos resultados

Esta seção está estruturada em duas subseções. Na primeira constam os dados sociodemográficos dos idosos pesquisados, além de considerações históricas dos entrevistados e na segunda, as manifestações de violência financeira identificadas, tendo como referência o Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006), que explicam a violência por meio de quatro fatores (indivíduo, relações, comunidade e sociedade).

##### 4.1 Dados sociodemográficos

Por meio do Quadro 1 a seguir, apresenta-se os dados sociodemográficos dos sujeitos pesquisados, onde a identificação foi realizada por meio de códigos para preservar a identidade dos participantes, envolvendo gênero, idade, escolaridade, classe social e estado civil.

Quadro 1 – Dados sociodemográfico dos idosos pesquisados

Identificação	Gênero	Idade	Escolaridade	Classe Social*	Estado civil
E1	Masculino	69	Segundo grau	C	Casado
E2	Feminino	75	Superior incompleto	E	Casada
E3	Masculino	63	Superior	B	Casado
E4	Feminino	75	Pós-graduado	D	Viúva
E5	Masculino	63	Pós-graduado	C	Casado
E6	Feminino	61	Pós-graduado	D	Solteira

E7	Feminino	70	Superior	D	Solteira
E8	Feminino	73	Superior incompleto	E	Divorciada
E9	Masculino	77	Segundo grau	C	Viúvo
E10	Masculino	66	Fundamental	C	Casado
E11	Feminino	78	Fundamental	E	Viúva
E12	Masculino	62	Segundo grau	C	Casado
E13	Masculino	72	Segundo grau	C	Casado
E14	Feminino	66	Superior	C	União estável
E15	Masculino	72	Superior	B	Casado
E16	Feminino	62	Segundo grau	E	Divorciada
E17	Feminino	81	Fundamental	E	Viúva
E18	Feminino	68	Segundo grau	D	Divorciada

Nota: estratificação dos domicílios em 2022 (InfoMoney): Classe A: 2,8% (renda mensal domiciliar superior a R\$ 22 mil); Classe B: 13,2% (renda mensal domiciliar entre R\$ 7,1 mil e R\$ 22 mil); Classe C: 33,3% (renda mensal domiciliar entre R\$ 2,9 mil e R\$ 7,1 mil); Classes D/E: 50,7% (renda mensal domiciliar até R\$ 2,9 mil).

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nos dados do Quadro 1 observa-se que a idade média dos indivíduos entrevistados, distinguindo entre mulheres e homens idosos é de 69 anos e 6 meses. Com relação a escolaridade, a predominância é para o segundo grau completo, com aproximadamente 34% dos participantes. Verificou-se que 17% possuem pós-graduação (*lato sensu*) e o mesmo percentual de idosos com escolaridade equivalente ao ensino fundamental.

Em relação a classe social a variação se deu entre as classes B e E, com predominância para a classe C, seguido da classe E. Para o estado civil predominou-se os casados/união estável, no entanto, com presença de solteiros, viúvos e divorciados.

## 4.2 Manifestações de violência financeira

As entrevistas com os 18 idosos, 8 homens e 10 mulheres, revelaram que 8 homens ou 66,7% e 10 mulheres, ou 83,3% apresentaram relatos de violência financeira. As mulheres idosas vitimadas correspondem a 55,6% dos idosos vitimados. Este resultado está abaixo daquele encontrado por Sampaio *et al.* (2017, p. 367), em que 100% das vítimas de violência financeira eram compostas por mulheres, e confirma o que foi apurado em pesquisa internacional que aponta que as mulheres idosas estão mais sujeitas à violência do tipo financeira do que os homens idosos (SHIRBEK; JAMES, 2014).

O Gráfico 1 ilustra o comportamento financeiro dos idosos quanto a compras e controle financeiro.

Gráfico 1 – Organização financeira dos idosos



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Gráfico 1 revelam que os idosos possuem habilidades necessárias para sustentar uma saúde financeira: 39% fazem anotações; 33% pagam tudo à vista; 28% usam o cartão de crédito, sem juros, dentro do orçamento; 22% pagam no cartão para se beneficiarem da pontuação; e 67% ficam dentro do orçamento mensal. Assim, percebe-se que este grupo de idosos tem controle de suas finanças, não se pode caracterizá-los como leigos, ao contrário, apresentam um comportamento financeiro naturalmente identificado.

#### 4.2.1 Manifestações de violência financeira com base no Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006)

A TAB. 1 aponta as manifestações de violência financeira identificadas, tendo como referência o Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006), considerando os fatores: Indivíduo (I), Relações (R), Comunidade (C) e Sociedade (S).

Tabela 1 - Manifestações dos idosos sobre violência financeira

Manifestações de violência financeira	Frequência (%)	Tipo
Filhos adultos que residem com os pais	56	S
Queda no benefício previdenciário após a aposentadoria	33	S
Débito de produtos bancários sem autorização do idoso	33	S
Assalto na rua	33	C
Sente-se obrigado a ajudar familiar	33	I

Amigos pedem dinheiro emprestado e não pagam	28	R
Alteração na política de correção das aposentadorias em curso	22	S
Empréstimo e avais a familiares que não pagam	17	R
Netos residem com os idosos onerando as despesas	17	S
Alto custo dos medicamentos	17	S
Bloqueio de dinheiro na época do governo Collor	11	S
Uso inadvertido de dados para operações de crédito	7	S
Sequestro relâmpago	7	C
Delegação de recursos financeiros à familiares	6	I
Quebra de instituição financeira (Coroa-Brastel)	6	S
Economia em baixa	6	S
Lavagem de dinheiro (Copa do Mundo e Olimpíadas)	6	S
Cobrança indevida por operadoras	6	S
Alto custo dos planos de saúde	6	S
Dívida do Estado referente a férias, prêmio e precatórios	6	S
Empreendimento que fez na casa da irmã, sendo destruído	6	R
Direitos que são cortados pelo governo	6	S
Violência do marido impulsionando abrir mão dos direitos	6	R
Erro de cálculo no valor da aposentadoria	6	S
Dívidas do Estado a hospitais gerando perda ao segurado	6	S
Posto de Saúde nunca tem vaga para consulta	6	S
Fez negócio com construtora e a obra parou	6	S
Todos os filhos são devedores	6	R
Disponibilizou cartão de crédito	6	R
Perdeu dinheiro para amigo	6	I
Pagou empréstimo de familiares	6	I
Roubou de imóvel	6	R
Morosidade da justiça que atrasa a efetivação dos direitos	6	S
Dentista errou o tratamento e não devolveu o dinheiro	6	S
<b>Total</b>	<b>441</b>	<b>-</b>

Nota: A soma foi superior a 100% por permitir que os idosos apontassem mais de um tipo de resposta.

Fonte: Dados da pesquisa

As principais manifestações dos idosos em relação à violência do tipo financeira encontradas foram: filhos adultos residindo com os pais e suas interferências; queda no benefício previdenciário após a aposentadoria; débito de produtos bancários sem autorização; assalto na rua; amigos e/ou pessoas do relacionamento que pedem

dinheiro emprestado e não pagam; e alteração na política de aposentadoria em curso, reduzindo o benefício.

Considerando os quatro fatores e o conjunto de manifestações identificadas apurou-se os seguintes resultados em relação aos fatores analisados: sociedade (63,5%); Relações (15,6%); Indivíduo (11,8%); e Comunidade (9,1%).

A prevalência de violência financeira identificada refere-se à coabitação de filhos adultos com os pais (idosos), apresentando uma frequência de 56%. Nesse caso, a violência financeira é de natureza simbólica, pois, na maior parte dos casos, não é percebida pelo idoso como sendo um caso de violência, apesar de ser considerada, por elevar o custo de vida dos idosos (CAMARANO, 2002; MEDEIROS, 2015).

A idosa E10, 66 anos, ao ser indagada sobre filhos que residem com ela e se estes ajudavam nas despesas da casa, afirmou:

[...] Não. Pelo contrário. Eu que ajudo [...] é menina. Que coisa, porque ela é formada, mas o emprego está difícil [...] (E10).

Assim, observa-se que a idosa E10 percebe que há exploração financeira por parte da filha, mas associa a uma violência estrutural, pois neste caso a filha continua em casa por falta de oportunidade de trabalho.

Outros fatores de incidência que merecem destaque, com frequências variando de 33% a 28% são a “queda no benefício previdenciário após a aposentadoria”, “débito de produtos bancários sem autorização”; “assalto na rua”; “obrigação em ajudar a família” e “empréstimos a amigos e/ou outras pessoas do relacionamento sem o respectivo pagamento”.

A violência financeira em virtude da queda de salário após a aposentadoria foi relatada pela idosa E3:

[...] a aposentadoria é baixa, a política anterior deu ênfase em aumentar mais o salário-mínimo, em detrimento dos valores superiores dos aposentados. Quem aposentou com dez salários-mínimos está ganhando hoje três, quatro salários-mínimos. Minha mãe aposentou com dois e ela ganha um salário-mínimo.

As falas dos idosos confirmam o que traz a literatura: o valor da aposentadoria é insuficiente para suprir todas as necessidades e manter o padrão de vida. Portanto, é fundamental haver planejamento para o longo prazo (HOJI, 2014).

Outro fator relevante apontado pelo estudo são os “assaltos na rua”, com incidência de 33% na frequência identificada. Na mesma proporção foi apontada a obrigatoriedade de ajuda aos familiares. Os relatos a seguir apontam nessa direção:

E2: Aí, o problema maior agora, depois de aposentada, é para ajudar os filhos.

E4: Olha, a minha filha, nessa crise, ela teve que ir lá para casa. Então eu tenho que acertar as coisas dela também [...].

Este tipo de violência tem a ver com o sentimento do agredido, pois, apesar de não ser obrigado a realizar tal ação, “ajudar o familiar” este o faz, mesmo sabendo que está sendo explorado. Esse comportamento pode ser explicado pelas características individuais, pois o indivíduo é um ser único, com características

próprias, e é impulsionado a realizar a ação que não é realizada por todos os indivíduos da mesma família, pois cada indivíduo tem uma personalidade distinta (HALL; LINDZEY; CAPBELL, 2000). Além disso, o indivíduo é também condicionado pelo contexto de vida, pela educação dada pelos pais e pela cultura recebida pelo ambiente em que viveu (DESSEN, 2005).

No que se refere ao contexto do *Indivíduo*, observou-se que a maior incidência de violência se deu na obrigatoriedade de ajudar financeiramente a família e/ou outras pessoas do relacionamento do idoso. Nesse caso observou um sentimento, e não uma obrigação imposta, sendo vista como uma escolha individual, que está ligada ao modo de pensar do idoso. Pode ser atribuído a sua cultura, envolvendo os aspectos relacionados à educação, ensinamento dos pais, religião e comunidade em que vive.

Ainda em relação a esse contexto a necessidade e obrigação de manter um plano de saúde foram identificadas pelos idosos pesquisados como um grande incômodo e preocupação em função da disponibilidade financeira, muitas vezes precária.

Na esfera das *Relações* dois aspectos se mostraram relevantes, como o empréstimo financeiro para amigos que não pagam e familiares que acabam gerando dificuldades. No caso dos amigos, as relações pessoais e a proximidade geram confiança e dificulta a negação à concessão de crédito. No caso dos familiares, a manifestação de violência financeira assemelha-se àquela praticada por amigos, todavia é mais próxima, pois trata-se de um familiar, que pede apoio financeiro ou aval em operação de crédito. Por questões também relativas à esfera individual, para não ser malvisto ou para manter um bom relacionamento em família, o idoso concorda com o apoio e assume prejuízo de ordem financeira.

Verificou-se também a violência do cônjuge no sentido de fazer renunciar a direitos, envolvendo relação pautada por violência física e psicológica, inclusive em relação aos filhos.

Na esfera da *Comunidade*, dois aspectos graves foram mencionados: assalto na rua e sequestro relâmpago. No que se refere ao assalto, os idosos envolvem-se nestas situações na rua, instituições financeiras e casas comerciais, ocasionando perda de dinheiro, cartões de crédito, celular, documentos e objetos pessoais. Isso pode causar-lhes traumas, lesões e até a morte. Neste estudo, evidenciou-se que os idosos que foram vítimas de violência financeira na rua, esta ocorreu no bairro onde residiam.

No caso de sequestro relâmpago, os idosos são abordados na rua, na porta de instituições financeiras e estabelecimentos comerciais, e levados, junto com os meliantes, que desejam dinheiro. Sofrem, além da violência financeira, a psicológica e física. Há perda de dinheiro, documentos pessoais, celular, além de ocorrerem saques em caixas eletrônicos.

Por fim, na esfera *Sociedade*, verificou-se a maior concentração de violência financeira, envolvendo as seguintes situações: filhos adultos e outros familiares residindo com os pais gerando sobrecarga financeira; queda no benefício ao longo do tempo pós-aposentadoria; alteração na política de aposentadoria; débitos de produtos bancários sem autorização; alto custo de medicamentos; custo elevado dos planos de saúde; precariedade dos postos de saúde; morosidade da justiça na determinação de direitos; e a própria situação econômica do país. As manifestações mais conducentes

de violência financeira captadas das falas dos idosos entrevistados foram interpretadas e resumidas no QUADRO 2, a seguir.

Quadro 2 – Interpretação das manifestações dos idosos sobre violência financeira e suposições evidenciadas

<b>Categorias</b>	<b>Esfera</b>	<b>Interpretações e suposições</b>
“Sente-se obrigado (a) a ajudar familiar”	Indivíduo	Sentimento de escolha individual. Pode ser atribuída a sua natureza ou sua formação.
“Amigos pedem dinheiro, e não pagam”	Relações	Proximidade e confiança o que dificulta negação à concessão de crédito.
“Empréstimo e avais a familiares que não pagam”.	Relações	Assemelha-se àquela praticada por amigos. Todavia é ainda mais próxima por estar condicionada à afetividade.
“Assalto na rua e sequestro relâmpago”	Comunidade	Pode causar-lhes traumas, lesões e até a morte. Além da violência financeira, verifica-se a psicológica e física. Evidenciou-se também que as vítimas estavam distantes de seu bairro.
“Filhos adultos residem com os pais”	Sociedade	São casos de indivíduos desempregados, com subemprego ou que moravam com os pais para poupar. As causas foram problemas estruturais, baixas perspectivas de trabalho, subemprego, alto custo do aluguel, insegurança, necessidade de mais anos de estudos.
“Queda no benefício após a aposentadoria”	Sociedade	Esta queda altera o fluxo de entradas e faz com que o indivíduo necessite alterar sua programação de vida (cancelar plano de saúde, dividir moradia, necessitar de ajuda da família etc.).
“Débito de produtos bancários sem autorização”	Sociedade	Geralmente o débito ocorre na conta do Idoso. Há casos em que o indivíduo necessita ajuizar uma ação. As instituições financeiras são detentoras do “poder econômico” e se beneficiam neste processo, pois nem todos os clientes observam o débito e nem reclamam ao BACEN.
“Alteração na política de aposentadoria em curso”	Sociedade	Esta medida afeta indivíduos já mais velhos, que devido às exigências das empresas, tem menores possibilidades de emprego e renda.
“Alto custo dos medicamentos”	Sociedade	Principalmente os idosos de baixa renda são fortemente impactados quando necessitam ou utilizam permanentemente medicamentos de alto custo sem apoio do Estado.
“Netos residem com os idosos”	Sociedade	Neste caso, os idosos recebem netos, por causa da separação dos pais e em razão da baixa estrutura social, envolvendo emprego, moradia e acesso a creches.

Fonte: dados da pesquisa

Entre os estudos mais recentes, chama-se a atenção os resultados de Alarcon et. al. (2020), pois em suas análises qualitativa, evidenciaram-se três núcleos de sentido referentes aos tipos de violência financeira sofrida pelos indivíduos idosos: “apropriação e dano”; “exposição ao estelionato/extorsão”, e “furto e roubo”. Essas formas de violências são também relatadas no presente estudo. Segundo os autores, o envelhecimento provoca limitações nas vítimas, tornando-as mais incapacitadas funcionalmente e deixando-as em situação de fragilidade. Assim, se torna importante compreender quais são os principais riscos, e em que condições eles surgem. Sem dúvida o Modelo Ecológico de Dahlberg e Krug (2006) contribuiu a partir das evidências empíricas encontradas neste estudo.

## 5. Considerações finais

Este estudo teve por objetivo geral analisar e descrever como a violência financeira se manifesta em idosos que participam de um Centro de Apoio e Convivência, localizado na capital do estado de Minas Gerais, tendo como referência o Modelo Ecológico de Dahlberg; Krug (2006). Em relação aos idosos, respeitou-se o Estatuto do Idoso, que define homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, além dos protocolos éticos para realização da pesquisa.

O percurso metodológico utilizado foi à pesquisa descritiva de abordagens qualitativa, com base em um estudo de caso. Para análise dos dados foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (2011). Participaram do estudo 18 idosos entre homens e mulheres, identificados aleatoriamente.

Observou-se que os idosos vêm passando por situações de violência financeira nos quatro fatores inerentes ao modelo de Dahlberg e Krug (2006): sociedade, comunidade, relações e indivíduo, obtendo-se as seguintes principais manifestações de violência por: filhos adultos que residem com os pais gerando despesas adicionais e exigências; queda do benefício previdenciário após a aposentadoria; débito de produtos bancários sem autorização; assaltos e sequestros relâmpagos; obrigação de ajudar familiares envolvendo questões financeiras; empréstimos aos amigos e familiares sem o respectivo pagamento; alteração na política de correção das aposentadorias em curso pelo governo; entre outros.

A partir dessas manifestações de violência financeira, foi possível analisar como esta violência se configura nas relações sociais. Pôde-se observar que quando a violência financeira ocorre na esfera da sociedade os idosos ficam à margem por serem impactados por alterações nas políticas econômicas e sociais vigentes; pelo baixo investimento em saúde; pela falta de controle governamental para a efetivação de direitos constituídos pela legislação (justiça, saúde e renda); e pelo poder econômico de grandes empresas.

A concessão de empréstimos a amigos e familiares gera violência financeira na esfera das relações, sendo facilitada por elementos da esfera individual. Tal fato pode ser comprovado pelas diferentes formas de comportamento entre grupos de idosos sobre operações de empréstimo nas relações. Por exemplo, há aqueles que preferem não correr riscos e negam a concessão de empréstimos e garantias, e por isso não sofrem prejuízo financeiro mais sim emocional, e há aqueles que se arriscam e concedem crédito a amigos e familiares, incorrendo em prejuízo financeiro.

A violência financeira relativa à coabitação de filhos e netos com os idosos é notadamente simbólica, tendo em vista que na maior parte dos casos o idoso não se percebe abusado ou violentado nesta situação.

Em relação à violência praticada pelos agentes financeiros, estes realizam estas práticas, principalmente, via contato telefônico, oferecem empréstimo consignado. Ligam também oferecendo renegociação de dívida, operação que, se realizada, provocará o impacto de mais custos financeiros para o idoso, além do lançamento de débitos de produtos bancários sem a devida autorização.

Os idosos, de modo geral, apesar de sofrerem assédio por parte das instituições financeiras, conseguem reclamar quando sofrem débitos indevidos de produtos bancários, por aqueles mais esclarecidos e ainda lúcidos.

Os idosos apresentaram visão negativa do governo e da sociedade, em especial pela gradativa redução do valor da aposentadoria, com a conseqüente perda do poder de compra, pela reduzida cobertura de medicamentos ofertados pelos Postos de Saúde, pelos altos custos de medicamentos e planos de saúde e pela necessidade de justiça rápida e acessível a todos, o que na percepção dos pesquisados não ocorre.

A educação financeira saudável provém da experiência de vida, das orientações passadas pelos pais e, do aprendizado em cursos superiores na área de Finanças. Dessa forma, ao colocar os ensinamentos em prática, o indivíduo torna-se capaz de realizar uma mudança interior, o que poderá resultar em benefícios para ele próprio, para a família, a comunidade, com reflexos positivos para toda a sociedade. Segundo Savoia, Saito e Santana (2007), por meio da educação financeira é possível melhorar o bem-estar social e a qualidade de vida.

Este estudo apresentou uma contribuição importante para o núcleo onde foi realizado, oportunizando reflexões para a adoção de medidas preventivas em relação à violência financeira sofrida pelos idosos. Busca também estimular o avanço de pesquisa em uma área tão importante, apontado as vulnerabilidades nos diversos contextos analisados.

Contribui também com informações relevantes aos entes públicos, mostrando que há necessidade de promover políticas públicas que favoreçam os indivíduos idosos, os quais necessitam de justiça rápida, haja vista que eles já não apresentam a mesma capacidade laboral de quando estavam na ativa, e carecem de mais atenção à saúde. Além disto, para a sociedade, subsidia informações que geram um maior conhecimento sobre os diversos tipos de violência financeira, que são desconhecidas por muitos indivíduos, sejam idosos ou não.

Observou-se também que o grupo de idosos pesquisado, não tem conhecimento exato do que seja violência financeira e ignoram como devem interagir. O Canal de Ouvidoria de Direitos Humanos no Brasil (Disque 100) só é do conhecimento por 11% deste grupo de idosos pesquisado, constituindo-se no caminho mais rápido para denúncias a violências a grupos de vulneráveis. Nessa direção, sugere-se a promoção de campanhas governamentais para maior divulgação sobre o tema e sobre o caminho para reclamações e apoio.

Em relação às limitações do estudo, observa que o tema “Violência Financeira” é difícil de ser abordado, pois gera nos pesquisados desconfiança e medo de que as informações possam ser vazadas, comprometendo a imagem do indivíduo. Todavia, pelo fato de a pesquisa ter sido realizada fora do ambiente residencial, percebeu-se,

que boa parte dos idosos sentiu-se à vontade para contar os fatos, mesmo que superficialmente em alguns casos. Outro fator limitador foi o tempo que o idoso pôde disponibilizar para as interações.

Por fim, sugere-se que estudos posteriores sejam realizados com outros grupos de idosos das diversas classes sociais e residentes em regiões distintas do estado de Minas Gerais e outros estados brasileiros.

## Referências

- ALARCON, M.F. S. Violência financeira: circunstâncias da ocorrência contra idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** 2020;22(6):e190182. <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.190182>.
- ADORNO, S. **A violência segue a rota da riqueza.** 2007. Disponível em: [bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/getulio/article/viewFile/61257/59446](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/getulio/article/viewFile/61257/59446). Acesso em: 26 jun. 2020.
- ARENDT, H. **Da violência.** 2004. Disponível em: <http://pavio.net/download/textos/ARENDT,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2011. 223 p.
- BRASIL. **Lei n. 10.741**, de 01 de outubro de 2010. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm). Acesso em: 16 set. 2020.
- BRONFENBRENNER, U. *Toward an experimental ecology of human development.* **American Psychologist.**, v.32, n.7, 1977. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.32.7.513>. Acesso em: 06 jun. 2020.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** 2 ed. São Paulo: Edusp. 2003.
- CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 nov. 2022.
- CAMARANO, A. A. IPEA. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica.** Texto para discussão n. 858. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA. Brasília, 2002, 26 p. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1200.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1200.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.
- CAMARANO, A. A. IPEA. **Estatuto do idoso: avanços com contradições,** Texto para discussão, n. 1840. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA. Brasília,

2013, 33 p. Disponível em:

<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/91154/1/75111670X.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

COLLIS, J; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Tradução de Lucia Simonini. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública.

**Ciência e Saúde Coletiva**. v. 11, n.1. 2006. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500007&script=sci_abstract&tlng=pt)

[81232006000500007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 set. 2021.

DESSEN, M. A. A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise.

**Paidéia**, Brasília, v.15, n.30, 2005. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/6207/7738>. Acesso em 17 jul. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas propriedades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 2006.

HALL C. S; LINDZEY, G; CAMPBELL J. B. **Teorias da personalidade**. 4 ed., Artmed. 2000. 228 p.

HOJI, M. **Administração financeira na prática**: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. 5 ed. São Paulo: Atlas S.A. 2014.

IBGE. Brasil em Síntese, 2020. **Educação**. Disponível em:

<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao.html>. Acesso em 10 ago. 2020

IRIGARAY, T.Q. et al. Maus-tratos contra idosos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul: um estudo documental. **Estud. psicol**, v.33, n.3, jul./set., 2016. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2016000300543](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000300543).

Acesso em: 21 abr. 2020.

JACKSON, S. L.; HAFEMEISTER, T. L. **Financial Abuse of Elderly People vs. Other Forms of Elder Abuse**: assessing their dynamics, risk factors, and society's response. Virginia: National Institute of Justice, 2011. Disponível em:

[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2279695](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2279695). Acesso em 28 jan. 2020.

KLONTZ, B; KLONTZ, T. **A mente acima do dinheiro**: o impacto das emoções em sua vida financeira. São Paulo: Novo Século, 2011.

LIMA, J. M. **Direitos humanos e tutela jurídica do idoso**: violência financeira contra a pessoa idosa na comarca de Porto Nacional-TO. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado profissional e interdisciplinar em Prestação Jurisdicional e Direitos

Humanos) - GRADUAÇÃO EM PRESTAÇÃO JURISDICIONAL EM DIREITOS HUMANOS, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

LOURENÇO, L. M.; et al. Crenças dos profissionais da Atenção Primária à Saúde de Juiz de Fora em relação à violência doméstica contra idosos. **Estudos de Psicologia**. v.29, n.3, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=395335570012>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MEDEIROS, S. M. de; et al. Endividamento financeiro na terceira idade no Brasil. *In* CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 2015. **Anais...**v. 2, n. 1, 21-26 set. 2015. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO\\_EV040\\_MD2\\_SA14\\_ID1972\\_08092015224328.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA14_ID1972_08092015224328.pdf). Acesso em: 21 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. **A violência contra idosos**: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; 2004. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/manual/4.pdf>. Acesso em: 20 ago 2020.

MINAYO, M. C. S. **Violência contra idosos**: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria. 2.ed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective.br. **Caderno de Saúde Pública**, v.10, n.1, 1994. Disponível em: [http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1994000500002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1994000500002&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 16 set. 2020.

MINAYO, M. C. S. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n.3, mai-jun, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/2003.v19n3/783-791/pt>. Acesso em: 12 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. Violência e educação: impactos e tendências. **Revista Pedagógica**, v.15, n.31, p. 249-264, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2338/1413>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; PAULA, D. R., Revisão sistemática da produção acadêmica brasileira sobre causas externas e violências contra a pessoa idosa. **Ciênc. saúde colet**. v.15, n.6, set. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000600010&script=sci\\_arttext&tlng=en](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000600010&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em: 11 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S.; et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. Rio de Janeiro. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 23(6), jun. 2018, p. 2007-2016. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csc/2018.v23n6/2007-2016/pt>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PASINATO, M. T; CAMARANO, A. A; MACHADO, L; **Idosos vítimas de maus-tratos domésticos**: estudo exploratório das informações levantadas nos serviços de denúncias. 2006. Disponível em:

[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2124/1/TD\\_1200.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2124/1/TD_1200.pdf). Acesso em: 25 jan.2020.

PEREIRA, R. C. B. R.; et al. O fenômeno da violência patrimonial contra mulher: percepções das vítimas. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v.24, n.1, jul. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufv.br/ojs/oikos/article/view/3653/1929>. Acesso em 25 jan. 2020.

REIS L. A.; et al. Expressão da violência intrafamiliar contra idosos. **Acta Paul Enferm.** v.27, n.5. Salvador, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/ape/v27n5/pt\\_1982-0194-ape-027-005-0434.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ape/v27n5/pt_1982-0194-ape-027-005-0434.pdf). Acesso em: 15 jul. 2020.

SALOMÃO FILHO, C; NUSDEO, F; FERRAZ JUNIOR, T. S. **Poder econômico: direito, pobreza, violência, corrupção.** São Paulo: Manole, 2009.

SAMPAIO, T. S. O.; et al.. Violência Financeira em idosos. **C&D-Revista Eletrônica da Fainor**, v.10, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/viewFile/665/350>. Acesso em: 22 jan. 2020.

SANCHES, A. R. A; LEBRÃO, M. L; DUARTE, Y. A. O. Violência contra idosos: uma questão nova? **Saúde soc.**, v.17, n.3, jul./set. São Paulo. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-12902008000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902008000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 21 abr. 2020.

Santos AMR, Nolêto RDS, Rodrigues RAP, Andrade EMLR, Bonfim EG, Rodrigues TS. Economic-financial and patrimonial elder abuse: a documentary study. *Rev Esc Enferm USP*. 2019;53:e03417. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2017043803417>

SAVOIA, J. R; SAITO A. T; SANTANA F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Rev. Adm. Pública**. v.41, n.6, nov./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SHIRBEK, V; JAMES K. S. **Abuse against elderly in India: the role of education.** *BMC Public Health*. 2014, v.14, n.3. Disponível em: <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-14-336>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SILVA, C. F. S; DIAS, C. M. S. B. Violência contra Idosos na família: motivações, sentimentos e necessidades do agressor. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v.36, n.3, jul./set.2016. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6122455>. Acesso em: 24 jan. 2020.

SILVA, S. M. O. **Violência financeira contra a pessoa idosa: os desencontros da velhice.** 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-PR. 2018.

SOARES, A. M. Violência como fenômeno intrínseco à cultura política brasileira. **Revista de Ciências Sociais**, v.2, n.18, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/13254>. Acesso em: 16 set. 2020.

SOUZA, J. A. V. de; FREITAS, M. C; QUEIROZ, T. A. Violência contra idosos: análise documental. **Rev. Bras. Enferm**: Brasília, v.60, n.3, maio-jun. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019611004.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TELLES, V. S. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 97 p.

World Health Organization (WHO), **Missing voices: views of older persons on elder abuse**, Geneva; 2002. Disponível em: [http://www.who.int/ageing/projects/elder\\_abuse/missing\\_voices/en](http://www.who.int/ageing/projects/elder_abuse/missing_voices/en). Acesso em: 13 jul. 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 320 p.